

Relato de Experiência: A importância dos Espaços Museológicos como ferramentas para Educação Patrimonial e Empoderamento Social.

Eliane Araújo dos Santos

Educadora social

Licenciada em Letras Vernáculas (UNOPAR)

Graduanda em Museologia (UFRB)

“Trabalhar nesta perspectiva (do poder da memória) implica afirmar o papel dos museus como agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas. O museu que adota este caminho não está interessado apenas em ampliar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em socializar a própria produção de bens, serviços e informações culturais. O compromisso, neste caso, não é com o ter, acumular e preservar tesouros, e sim com o ser espaço de relação, capaz de estimular novas produções e abrir-se para a convivência com as diversidades culturais.” (CHAGAS,2011)

Fazer conexões entre o presente e o passado, entender a teia de possibilidades que as instituições museológicas trazem consigo e para além disso, ter consciência de que o patrimônio histórico é uma ferramenta em potencial para o ensino/aprendizagem, é o desafio da atualidade para Museus e instituições museológicas.

Não é mais possível vislumbrar o tema “memória” sem que sejam mostradas àqueles que dela usufruem por meio das exposições, qual a relevância desse tema no seu cotidiano. É neste ambiente de mudanças, em que a mera contemplação dá espaço ao olhar questionador e por vezes desconfiado, ávido por experimentações que as instituições de memória, tendem a concentrar seus esforços nos seus respectivos núcleos educativos, afim de que estes desenvolvam mecanismos capazes de proporcionar ao fruidor uma mudança de atitude: do contemplador coadjuvante à protagonista do processo.

Discuto estes pontos em linhas gerais, para situar o leitor a respeito da minha experiência de Educadora de Museu e Coordenadora de Projetos voltados à valorização e difusão da cultura do Recôncavo da Bahia. Foram diferentes desafios que convergiam num único objetivo: trabalhar com a educação patrimonial como ferramenta de empoderamento social. Foi necessário empenho para redesenhar o olhar acerca da educação museológica, refiro-me especificamente à Fundação Hansen Bahia, instituição formada por três complexos expositivos, dois na cidade de Cachoeira e um na cidade de São Félix, ambas as cidades no Recôncavo da Bahia. A princípio as ações educativas se restringiam a visitas mediadas e pequenas oficinas de arte, focando em um único aspecto do acervo da instituição o fazer artístico e sua preservação!

Foi necessário fortalecer a equipe educativa, contratando mais pessoas, estudar profundamente sobre o artista que dá nome a instituição, a saber Karl Heinz Hansen, alemão e xilogravurista, além de conhecer o máximo possível sobre as suas obras. A partir disso, passamos a fazer alguns questionamentos para que tivéssemos na medida correta, uma ideia do grau de envolvimento da comunidade e dos moradores das cidades supracitadas com a instituição. A partir dos resultados obtidos, notamos um problema! Recebíamos mais visitantes de “fora” do que moradores do entorno. Aí o desafio tornou-se maior. Como fazer com que os “vizinhos” se sentissem parte da instituição?

Neste momento, todas as áreas do museu, uniram-se numa única engrenagem e começamos então a repensar as ações. Um exemplo disso, foi a atividade “Viva o Folclore do Recôncavo Baiano”. Solicitei que o setor de documentação mapeasse obras de Hansen Bahia que abordassem o tema da cultura do recôncavo baiano, lhes dei apenas uma semana para tal desafio! Enquanto a documentação revolvía-se na pesquisa, parte do setor educativo começava a desenvolver um projeto de Feira Cultural, que seria executado na área externa do Museu Casa Hansen Bahia, na cidade de São Félix. A outra parte do setor, criava uma teia de mobilização entre as escolas e centros culturais convidando-lhes para tal evento. Não obstante, o setor de comunicação do Museu, concentrava esforços fazendo a divulgação do evento, na internet, no facebook da instituição, site, boletim eletrônico e enviando para a imprensa do Estado um release com as informações do evento.

Para nossa surpresa, o acervo da instituição estava recheado de obras que falavam sobre o patrimônio cultural do recôncavo, samba de roda, candomblé, capoeira, bumba-meu-boi, comidas e muito mais. Que formidável. Surgiu então a ideia de trazer à vida às obras do artista. Convidamos para a feira cultural: sambadeiras, capoeiristas, cirandeiros, bumba-meu-boi além das músicas, e de

muita, muita pipoca! E o mais impressionante... todos que participaram foram das cidades de Cachoeira e São Felix e não quiseram receber nenhuma remuneração para isso, sentiam-se protagonistas da festa em parceria com as obras do artista. Durante a manhã deste dia o museu recebeu 300 pessoas, que usufruíram de todos os stands além de apreciarem as obras do artista, e no período da tarde tivemos mais 200 pessoas que puderam sentir a riqueza da nossa memória!

Esta é uma das muitas atividades que desenvolvemos na Fundação Hansen Bahia ao longo do ano de 2012, tudo isso fez-nos sair do 14º lugar no ranking das instituições de Museus da Bahia para o 4º lugar da Bahia e 1º do interior em ações educativas e público visitante. Foram atividades diversas desde espetáculos teatrais, cursos para educadores, oficinas, rodas de conversas com artistas locais, visitas mediadas, música no Museu além do museu itinerante. Parcerias importantes foram feitas com Ong's, grupos culturais e escolas. Foi um processo de repensar as ações, estratégias e formas, pensar no museu e seu entorno, no patrimônio imaterial que paira na materialidade do acervo exposto.

No final de 2012, um outro desafio bateu à minha porta. Desenvolver um projeto de valorização e registro da memória local através da escrita tendo como eixo motivador o ensino da Educação Patrimonial. Era o projeto “ Dedinho de Prosa. Cadinho de Memória”, desenvolvido pela Ong. Casa de Barro- Ações Culturais, sediada na cidade de Cachoeira-Ba. Agora não mais dentro de um Museu, mais sim numa escola pública de ensino fundamental, com um público específico – adolescentes! Novas estratégias foram traçadas, agora ouvir histórias dos “ mais velhos” da comunidade, ou seja, trabalhar com a memória viva do recôncavo, e através da escrita eternizá-la. Foram muitas vivências, saídas à campo, bate-papos e estratégias de fomento à escrita. Tivemos como resultado o livro “ Um passarinho me contou... um dedinho de prosa, cadinho de memória”. Este projeto financiado pelos Editais da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SeCult/Ba), abriu portas para que as escolas inserissem o saber local em seus projetos educativos e repensassem a importância da valorização da memória comunitária e nos rendeu o Prêmio Itaú-Unicef – educação integral: crer e fazer - fundação Itaú social, Unicef e Cenpeci 2013.

No ano de 2013, outra proposta surgiu da Ong. Casa de Barro, agora seria o desafio de coordenar um projeto direcionado a três cidades do Recôncavo da Bahia, foram elas Cachoeira, São Felix e Maragogipe. O Projeto chamava-se “ Ourua – Cultura Arte e Educação para o desenvolvimento humano no Recôncavo baiano”. Durante este projeto, e ao longo deste ano estendendo até 2014, foram desenvolvidas ações que através da educação patrimonial fomentarem o empoderamento dos

mais diversos atores da comunidade local, sensibilizando-os a reconhecer e difundir seu valor para a construção identitária do recôncavo da Bahia.

A referida Ong., ganhou o Prêmio Pontos de Memória / Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) -Ministério da Cultura | 2013. Ação contemplada: OURUA – Memorial da Cultura Viva do Recôncavo Baiano. Em sua sede, recém-alugada, precisaria montar um centro de referência da cultura viva do Recôncavo, tendo como acervo a ser exposto, peças que ilustrassem bem tanto o valor material da nossa cultura quanto a força dos saberes e fazeres do povo. Assim foi feito. Cada sala com uma temática ligada à cultura do recôncavo, aberta a visitação e construção a cada nova visita!

Foram cursos para educadores e agentes culturais:

1. Formação de educadores (da educação formal e não formal)

- a. Oficinas de educação patrimonial;
- b. Oficinas de formação em arte-educação para trabalho com cultura e patrimônio cultural;
- c. Formação básica em cultura afro e indígena.

2. Oficinas de arte: educação e leituras para um novo olhar (infância e juventude)

- a. Oficina de formação em contação de histórias;
- b. Oficina de Educação Patrimonial, Investigação da Memória Oral, e Escrita

Criativa: Dedinho de Prosa. Cadinho de Memória;

- c. Teatro para iniciantes.

3. Programação artística periódica (oferecida a comunidade – aberto ao público). Além destas ações direcionadas ao projeto, eram realizadas atividades semanais que pretendiam estimular no público participante a valorização do “eu” como patrimônio mais importante a ser preservado e reverenciado.

Segundo Ulpiano Bezerra a ação educativa em Museus, tem o objetivo de oferecer possibilidades de aprendizagem e para tal, é importante frisar que tal ação, precisa ser uma relação dialética e dialógica entre educador/educando e isso proporcionará a construção da cidadania e da identidade cultural. De posse desta verdade, as equipes que coordenei, tiveram que remodelar conceitos e entender que o principal foco do trabalho não era puro e simplesmente o acervo exposto, mas o homem que o fez e lhe deu vida. Nas ações, não era obrigatoriamente necessário para o visitante ter a figura do mediador” para decodificar a obra exposta, mas a exposição deveria refletir o homem de tal forma, que este pudesse ver-se e indagar, O que eu faço ou sou é tão importante ao ponto de ser

eternizado nas obras e exposição de tal artista? Se a equipe educativa conseguisse provocar esta reflexão, com certeza o nosso trabalho estaria cumprido.

Para a surpresa da equipe e colaboradores das instituições de memória que prestamos consultoria ao longo destes três(03) anos, conseguimos obter um resultado surpreendente: o envolvimento da comunidade com as instituições, que fazendo questão de compartilhar seus saberes, trazem vida ao acervo que outrora ocupava lugar de sacralidade. Conseguimos tornar as instituições museológicas que trabalhamos, num lugar vivo, pulsante e que extrapola seus muros físicos e conceituais. E mais uma vez o ensino da Educação Patrimonial cumpriu seu papel de sensibilizar pessoas a olhar-se com o valor que realmente cada ser tem!

Bibliografia

DIAS, Guilherme e SOARES; André, Luis Ramos. Educação Patrimonial e Educação Popular: um viés possível.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O Patrimônio em Processo: Trajetória da Política Federal de Preservação no Brasil. UFRJ- IPHAN, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996(Coleção Leitura).

FACCIO, Neide Barrocá; CARRE, Gabriela Machado; SOUZA, Hellen Cristiane. Educação Patrimonial se faz no Museu, na Escola e junto à Comunidade. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/ENNEP/Trabalhos%20em%20pdf%20%20Encontro%20de%20Ensino/T19.pdf>, 2007.

PRIMO, Judite Santos. Pensar Contemporaneamente a Museologia. Cadernos de Sociomuseologia 16). Lisboa: Centro de Estudos de Sociomuseologia, 1999.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes P. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.



CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto de História, n. 10, São Paulo, Educ/PUC, p.7-28, 1993.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.